

## Mariana Coelho e a pena-bisturi em *O Paraná Mental* (1908)

Mariana Coelho and the quilt-scalpel in *O Paraná Mental* (1908)

Mariana Coelho y la pluma-bisturí en *O Paraná Mental* (1908)

Névio de Campos<sup>1</sup>

Débora do Rocio Pacheco da Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** Este texto objetiva realizar um exercício interpretativo de uma classificação de intelectuais paranaenses estabelecida pela escritora Mariana Coelho, em sua obra *O Paraná Mental* (1908). Ampara-se nesta classificação feita pela autora, notadamente na composição de uma lista de “poetas, prosadores e jornalistas” (mundo da literatura), “comediógrafos e dramaturgos” (universo do teatro) e “musicistas e pintores” (espaço das belas artes), assim como na história intelectual. Sustenta-se que a inclusão e a exclusão de indivíduos do panteão de escritores e de artistas paranaenses é uma operação social, isto é, constitutiva do “mundo prático” compartilhado por personagens que ocupavam os principais espaços culturais do final do século XIX e do início do século XX – que revela as tensões e os interesses em torno dos nomes mencionados e a busca de notoriedade e distinção –, assim como de critérios mais ou menos “objetivos” utilizados por Mariana Coelho para classificar e adjetivar o que ela denominou de “ilustres” (“artista-aspirante” e “artista completo”) responsáveis pelo “desenvolvimento da arte paranaense” e estabelecer uma crítica social e uma crítica estética.

**Palavras-chave:** Mariana Coelho; *O Paraná Mental*; intelectual paranaense; classificação social; história intelectual.

**Abstract:** This text aims at the interpretation of a classification of intellectuals from the state of Paraná, as proposed by the writer Mariana Coelho, in her work *O Paraná Mental* (1908). The analysis is based on that author’s classification, mainly in the composition of a list of “poets, prose writers and journalists” (literature world), “comedy writers and playwrights” (theater universe), and “musicians and painters” (fine arts space), and intellectual history. We observed that the inclusion and exclusion of individuals from the pantheon of writers and artists in the state of Paraná is a social operation, that is, one that constitutes the “practical world” shared by personalities who occupied the main cultural spaces of the late 19<sup>th</sup> century and early 20<sup>th</sup> century – which reveals intentions and interests around the names mentioned and the pursuit of notoriety and distinction –, as well as more or less “objective” criteria used by Mariana Coelho to classify and qualify what she called “illustrious” (“aspiring-artist” and “full-artist”) responsible for the “development of arts in Paraná” and to establish a social critique and an aesthetic critique.

**Keywords:** Mariana Coelho; *O Paraná Mental*; intellectuals from Paraná; social classification; intellectual history.

**Resumen:** Este texto pretende realizar un ejercicio interpretativo de una clasificación de intelectuales paranaenses establecida por la escritora Mariana Coelho en su obra *O Paraná Mental* (1908). Basado en la clasificación realizada por la autora, especialmente en la composición de una lista de “poetas, prosistas y periodistas” (el mundo da literatura), “comediantes y dramaturgos” (el universo del teatro) y “músicos y pintores” (espacio de las bellas artes), así como en la historia intelectual. Se argumenta que la inclusión y exclusión de individuos del panteón de escritores y artistas paranaenses es una operación social, es decir, constitutiva del “mundo práctico” compartido por personajes que ocuparon los principales espacios culturales de finales del siglo XIX y principios del XX – lo que revela las tensiones e intereses en torno a los nombres mencionados y la búsqueda de notoriedad y distinción –, así como los criterios más o menos “objetivos” utilizados por Mariana Coelho para clasificar y adjetivar a los que ella llamaba “ilustres” (“artista-aspirante” y “artista completo”), responsables por el “desarrollo del arte en Paraná” y establecer una crítica social y una crítica estética.

**Palabras clave:** Mariana Coelho; *O Paraná Mental*; intelectuales paranaenses; clasificación social; historia intelectual.

## INTRODUÇÃO

Este artigo objetiva realizar um exercício interpretativo de uma classificação (Bourdieu, 2020) de intelectuais paranaenses desenvolvida pela escritora Mariana Coelho, em sua obra *O Paraná Mental* (1908)<sup>3</sup>, valendo-se da composição da lista de “poetas, prosadores e jornalistas” (mundo da literatura), “comediógrafos e dramaturgos” (universo do teatro) e “musicistas e pintores” (espaço das belas artes), assim como da história intelectual que estuda as ações de indivíduos e grupos que se detiveram em atividades “intelectuais”.

Mariana Candida Teixeira Coelho<sup>4</sup> (1857-1954), atualmente reconhecidamente uma figura intelectual feminina do cenário paranaense, nasceu no Distrito de Vila Real, em Portugal, mudou-se para o Brasil em 1892, estabelecendo-se em Curitiba. Ela chegou ao Paraná, acompanhada de sua irmã Maria Natividade Teixeira Coelho e sua mãe Maria do Carmo Meireles Coelho. A razão para essa mudança está ligada a dificuldades econômicas enfrentadas pela família, após o falecimento de seu pai, que em 1882 deixou a mãe com três filhas e um filho ainda jovem. Um dos irmãos de Mariana, Thomaz Alberto Teixeira Coelho, já havia emigrado para o Brasil em 1871 (Tomé, 2020). Seu outro irmão, Carlos Alberto Teixeira Coelho, transferiu-se para o Brasil em 1893, um ano após o restante da família (Silva, 2024). E sua outra irmã, Rita do Rosário, morreu ainda em Portugal, aos 22 anos de idade. Ao chegar ao Paraná, a família de Mariana Coelho recebeu apoio financeiro de seu tio, José Natividade Teixeira de Meirelles, irmão de sua mãe. José Teixeira era um bem-sucedido comerciante em Curitiba, casado, porém, sem filhos (Ribeiro, 2015). Em 1902, ele também ajudou Mariana Coelho a fundar o Colégio Santos Dumont, onde atuou como diretora até 1917 (Bueno, 2010).

Não há muitas informações sobre a vida de Mariana Coelho em Portugal (Silva, 2024). As fontes e referências disponíveis não fornecem informações sobre sua educação formal, deixando incerto se frequentou escola ou se foi educada em casa. O que é certo é que ela pertencia a um grupo restrito de pessoas com acesso às letras naquela época. Seus escritos revelam um vasto conhecimento de leituras, especialmente sobre temas filosóficos e políticos, algo incomum para a época. Segundo Bueno (2010, p. 30), “alguns estudos indicam que ainda em Vila Real ela já publicava artigos em periódicos”. Conforme Muzart (2003), ela teria contribuído para os jornais portugueses *O Commercio de Villa Real*, *Jornal da Manhã* e *A Voz Pública*.

Embora tenha nascido em Portugal, foi no Paraná que viveu a maior parte de sua vida, destacando-se como professora e escritora, construindo tanto sua carreira intelectual quanto conexões sociais. Começou sua trajetória literária traduzindo obras francesas, depois passou a publicar poesias próprias e, mais tarde, a escrever artigos sobre temas polêmicos para o contexto, a saber, sobre a emancipação feminina, direito das mulheres ao voto, acesso à instrução e aos espaços públicos. Ela também se enveredou para a escrita de ensaios. Ao longo de sua vida, publicou cinco livros: *O Paraná Mental* (1908), *A Evolução do Feminismo* (1933), *Um Brado de Revolta contra a Morte Violenta* (1935), *Linguagem* (1937) e *Cambiantes – Contos e Fantasias* (1940), uma coletânea de contos. Após sua morte, outra obra sua foi publicada, *Palestras Educativas* (1956), organizada por Leonor Castellano e lançada pelo Centro de Letras do Paraná.

Assim, este artigo faz um recorte específico na trajetória desta personagem com o propósito de apresentar a própria organização deste recenseamento do Paraná intelectual (primeiro item) e expor os sentidos da obra *O Paraná Mental* (segundo item).

#### UM CATÁLOGO DA “PRODUÇÃO DOUTA” DO PARANÁ

Em 1908, no Brasil há quinze anos, Mariana Coelho é alçada pelos seus confrades e erige-se à tarefa de escrever um catálogo dos “ilustres” da cultura paranaense. Ela intenta “[...] dar a lume um livro em que salientasse o lisonjeiro e respectivo desenvolvimento da arte paranaense, e onde coligisse tudo que sobre a bela mentalidade de alguns de seus ilustres filhos tenho escrito” (Coelho, 2002, p. 23). Antes de publicar o livro *O Paraná Mental*, Mariana Coelho já era conhecida por publicar variados textos e poemas tanto na imprensa de Portugal quanto na paranaense. Além disso, tinha proximidade com muitas figuras locais de renome (Bueno, 2010; Silva, 2024; Tomé, 2020; Tomé; Campos, 2022, 2023). Essas mesmas personalidades reconhecidas no contexto paranaense, nesse período, apresentavam interesse em estender o campo cultural local para além do cenário regional, como Dario Vellozo, Rocha Pombo, Sebastião Paraná.

*O Paraná Mental*<sup>5</sup> apresenta uma cartografia das personalidades do mundo cultural. Ele mostra a estrutura social do Paraná, além do clima intelectual vigente, as afiliações e os conflitos que surgiam, principalmente em torno do esforço para criar uma “identidade paranaense”<sup>6</sup> que se apresentasse como

“intelectualizada”, “moderna” e “progressista”. Nesse contexto, percebe-se que o grupo de intelectuais não se limitava apenas ao campo cultural, mas também atuava conjuntamente nas esferas social, política e econômica. Segundo Trindade (1996, p. 105), “eles representam, em sua maioria, agremiações, sociedades, ligas, agências e outras formas de agrupamento que se disseminam pela cidade”. Esses personagens formavam alianças, criavam desafetos e alimentavam rivalidades e tensões que se refletiam nos jornais da época.

De acordo com Woellner (2007), a obra *O Paraná Mental* foi o primeiro livro a elaborar uma reflexão sobre a literatura no Paraná, além de representar o primeiro trabalho de catalogação crítica feito por uma mulher. Embora não se identifique na obra qualquer menção direta, diferentes pesquisadores apontam que o livro foi escrito por encomenda do Governo do Estado do Paraná, para ser apresentado à Exposição Nacional do Rio de Janeiro. Este tipo de evento era comum à época e funcionava como vitrine internacional aos feitos nacionais. Tratava-se, por sua vez, de fazer circular o Paraná intelectual ao centro do Brasil e ao contexto internacional.

Capazes de dinamizar o processo de difusão da ciência moderna, os catálogos, as revistas, os livros, os opúsculos, os congressos, as máquinas, os instrumentos científicos, os monumentos, os bens de consumo, as transações comerciais, todos esses artefatos foram decisivos para que assistíssemos a um [...] movimento de novas delimitações institucionais e incursões culturais no terreno da economia, da política e da vida social que estava naquele momento se estruturando em torno de valores universais ou civilizacionais (Ferreira, 2011, p. 83-84).

Mariana Coelho divide o livro em quatro partes: além da introdução, na primeira parte trata dos nomes da literatura paranaense, assim como faz uma apreciação artística de poetas, prosadores, jornalistas, e os divide em nova e velha geração. Num segundo momento, a escritora trata dos “ilustres” do teatro, fazendo a classificação dos nomes pertencentes ao cenário da dramaturgia e da comédia paranaense. Traz também os nomes de belas artes, apresentando musicistas e pintores. E por último, escreve sobre a Escola de Belas Artes e Indústrias do Paraná.

Quando elenca nomes da literatura paranaense, Mariana Coelho os classifica entre “primeira/velha geração e segunda/nova geração”, porém, sem critérios explícitos sobre quais aspectos diferenciaram uma geração da outra, se seriam por conta do tempo cronológico em comum, da proximidade de nascimento ou de

vivências. Segundo Souza (2016, p. 330), não se sabe “se a velha geração nasceu, escreveu ou publicou antes da nova geração, e mais importante, quando a velha geração acaba ou dá lugar à nova geração”. Este aspecto merece aprofundamento específico em outros escritos, pois aqui se pretende uma interpretação mais ampla deste livro da escritora luso-brasileira.

A obra privilegia um grupo de homens, sendo uma parte pertencente à elite política e cultural, com forte influência nos meios da imprensa. Isso mostra que “importava mais as alianças entre autores e a teia complexa que construíam e na qual se enredavam, que a produção literária em si”, conforme assinala Maria Tarcisa Bega (2013, p. 145). Não obstante esta tendência descrita por Bega, a classificação operada por Mariana Coelho dá amostras das divisões e dos conflitos existentes entre os “ilustres”, além de indicar as tomadas de posição da autora desta classificação do “mundo dos ilustrados”, como veremos à frente.

Mariana Coelho faz uma dedicatória, oferecendo sua obra aos literatos paranaenses, consistindo numa estratégia para chamar atenção do público leitor e mostrar também como almeja alcançar determinado capital social, ao apontar para quem a obra era destinada. Segundo Genette (2009, p. 124), a dedicatória de obra vincula-se sempre à demonstração, à ostentação, à exibição: mostra uma relação intelectual ou privada, real ou simbólica. Assim como a dedicatória da obra tem um objetivo bastante nítido, têm-se também a dedicatória de exemplar, que é quando o escritor ou a escritora presenteia “figuras ilustres” da sociedade com exemplares de seus escritos. Mariana Coelho faz uso disso, pois na Biblioteca Pública do Paraná encontram-se alguns exemplares da primeira edição do livro, com dedicatórias para nomes como Ermelino de Leão, Faria Bittencourt e Sebastião Paraná, onde a escritora não poupa elogios de gratidão a essas figuras de renome na sociedade paranaense daquela época.

Mariana Coelho buscava reconhecimento e prestígio dentro de grupos e instituições, e uma das maneiras de alcançar esse objetivo era se fazendo ser lida por figuras com grande capital cultural e simbólico. Muitos desses nomes são também os mesmos que aparecem nos sumários e listas de colaboradores dos jornais com os quais Mariana Coelho também colaborava. A sua análise revela uma busca por reconhecimento social e a construção de um capital simbólico através de estratégias como a dedicatória performática e a distribuição de exemplares para figuras influentes, pois, no início do século XX, conforme Bega (2013, p. 143),



o ambiente dos “doutos” era tomado por elogios mútuos, polêmicas e metáforas bélicas, prefigurado nas sentenças: “os amigos são sempre uns gênios”; ‘para os amigos – tudo’ e ‘para os inimigos – justiça’”. Apesar disso, sua lista gerou debates e críticas, com questionamentos sobre a inclusão ou exclusão de determinados nomes, como veremos adiante.

Para Mariana Coelho, os termos “intelectual”, “literato”, “escritor”, eram entendidos como sinônimos. Segundo Mônia Silvestrin (2000), isso era uma prática comum no período, que designa de maneira ampla aqueles que se dedicavam às atividades do espírito, em oposição ao trabalho manual. Seriam então artistas, escritores, jornalistas, médicos, advogados, pessoas que fazem uso da palavra oral e escrita para expressar suas ideias, sentimentos e opiniões publicamente, tendo como principal meio de divulgá-los, a imprensa (Silvestrin, 2000, p. 15). Muitos deles não tinham a escrita como profissão principal, e sim acumulavam a função literária com outros empregos, como jornalismo, docência e outras funções públicas: “Cônego Braga, Chichorro Junior, Dr. Reinaldo Machado, Dr. Emiliano Pernetta e Dario Vellozo são digníssimos lentes do Ginásio e Escola Normal. Outros são médicos, advogados, etc.” (Coelho, 2002, p. 64).

Depois que seu livro foi publicado, Mariana Coelho recebeu uma série de críticas através da imprensa. Entre as repercussões que teve, o jornal *A República* passou a publicar vários artigos intitulados “O Paraná Mental”, onde uma pessoa que assinava anonimamente como “S” escrevia diversos comentários sobre o fato de Mariana Coelho não listar nomes que seriam importantes e foram “possivelmente esquecidos”. Outro impresso que também polemizou foi o *Diário da Tarde*, no qual o anônimo “B”, dizendo-se porta-voz da “opinião pública” (Chartier, 2009), escreve que os editores-chefes reclamam sobre as numerosas cartas com informes sobre “este ou aquele escritor” que deveria constar no livro, assim como apontam poemas e obras que deveriam ter sido citados por Mariana Coelho. Questionavam a inclusão de alguns e o esquecimento de outros, como do pintor Alfred Andersen, por exemplo (Silva, 2024, p. 96). Indagavam o fato de a autora ter incluído o próprio irmão, Carlos Alberto Teixeira Coelho: “nem tinha o direito, pois que além de não possuir nada que o recomende, foi ocupar o lugar que pertencia a qualquer um dos paranaenses ilustres e olvidados” (B, 1908).

A forma de organização do seu livro também foi criticada, pois diziam que lhe faltava método expositivo. Conforme Débora Silva (2024, p. 97), afirmavam os



críticos que ela deveria ter “organizado um pequeno dicionário biográfico, com mais dados, ou talvez classificar os escritores paranaenses por épocas ou por escolas literárias”. Um pouco do clima da recepção se observa na citação abaixo:

Lastimável, pois, o processo chronologico ficar preterido, observado, Rocha Pombo não seria colocado logo após Fernando Amaro, no lugar pertencente à Julia da Costa e José de Moraes, posto além, para deante, depois de Nestor Victor, Leôncio Correia, Emiliano Pernetta, Emílio de Menezes, Dario Vellozo, Julio Pernetta e Ricardo Lemos (O Paraná [...], 1908).

Para o crítico “B”, o livro não fazia real jus ao desenvolvimento da intelectualidade no Paraná, pois um “simples catálogo de nomes” não era suficiente. De forma irônica, diz que o proêmio de Rocha Pombo é gracioso “para atender às solicitações de amizade”, mas que nada fala sobre o progresso intelectual do Paraná. Que Rocha Pombo escreve várias páginas sobre a sua amizade com a escritora, mas não discorre sobre o cenário intelectual de seus conterrâneos, aspecto esse que, para o crítico “B”, é justificado porque “se vae para mais de um decênio que o conceituado historiographo acha-se ausente da terra natal, não tem acompanhado de perto a maravilhosa evolução executada pela intelectualidade paranaense: consequentemente, não pode se expressar com segurança” (B, 1908).

Outra crítica à obra de Mariana Coelho é sobre o uso constante da afirmação “até em Portugal”, assinalando que estaria supondo que os escritores brasileiros só teriam merecimento após serem reconhecidos “até em Portugal”; que o uso dessa expressão apresentava “ares de instância superior, alto tribunal”; de que ainda precisariam da sanção e chancela de Portugal para serem bem-vistos e dignos de destaque. Segundo eles, o excesso de elogios à pátria portuguesa tirava também o foco do livro, que seria o Paraná.

Mariana Coelho utiliza o jornal *A República* para responder às críticas que seu livro recebe, tratando das considerações de “S” e “B” e protestando contra os posicionamentos contraditórios e parciais desses dois escritores:

Quando pelo “Diario da Tarde” o illustre jornalista sr. B prometeu analysar o Paraná Mental, deu-nos o direito de esperar uma crítica que, embora severa, fosse sincera e leal; neste caso nós a esperávamos ansiosa, porque, em taes condições, era um caso virgem nos annaes da crítica paranaense. O público ledor não está

acostumado a crítica, na rigorosa acepção da palavra. Publicam-se as vezes por aqui obras literárias cuja crítica se resume nas palavras sacramentais com que se costuma acusar a respectiva recepção e nada mais. A crítica, portanto, prometida, ao *Paraná Mental*, esperava-se como um acontecimento. Entretanto, a parcialidade do trabalho crítico do ilustrado jornalista, logo de começo se manifesta em palpáveis contradições e intuitivo falseamento da verdade (Coelho, M., 1908b).

Tanto na obra *O Paraná Mental* quanto nas respostas às críticas, Mariana Coelho reconhece que o livro apresentava limites pelo motivo de ter sido escrito às pressas. É dito que se pretendia fazer uma nova edição, mais completa e melhor formulada, porém, isso não aconteceu. No jornal *A República*, justifica-se dizendo não ter muito conhecimento sobre o cenário cultural paranaense do período anterior à sua chegada ao Paraná, exigindo por conta disso a ajuda de pessoas do meio social e cultural para fornecerem mais dados dos personagens. Em um dos artigos de “Crítica á crítica”, no jornal *A República*, Mariana Coelho diz:

Para o fim de confeccionarmos o nosso modesto livro, coadjuvaram-nos os seguintes illustres paranaenses: Aldo Silva – que demorou dois meses para nos dar, e muito incompleta, uma simples lista de nomes – do que bastante nos queixamos; Silveira Netto, Seraphim França, Celestino Junior, Leite Junior, Leocádio Correia, e, finalmente Domingos Vellozo. Temos em nosso poder todos os apontamentos fornecidos – quem quiser pode vir verificar o que afirmamos (Coelho, M., 1908a).

Cita nomes que teriam lhe ajudado na catalogação de tal obra. Em relação à menção ao seu nome, Aldo Silva escreve no *Diário da Tarde* que desistiu de contribuir com Mariana Coelho, mesmo ela tendo pedido ajuda em relação a alguns dos nomes apontados por ele; ela lhe solicitara mais informações sobre o gênero de literatura e títulos das produções de cada um dos indicados por ele. Aldo Silva ironicamente responde na imprensa: “me pareceu, razoavelmente, que d. Marianna Coelho, talvez tivesse intenções de me fazer co-autor do trabalho que ia publicar e não me julgando com forças capazes de arcar com tal missão, desisti da tarefa” (Silva, A., 1908).

Serafim França (identificado como o crítico S) é outro que lhe teria ajudado na organização das informações para a lista e classificação dos “ilustres”. Ele também reclama por ela ter “esquecido” de citar alguns nomes que seriam

muito importantes, como, por exemplo, o musicista João Manoel da Cunha. Mas Mariana Coelho defende-se, lembrando-lhe que ele a ajudou na confecção do livro e que tal nome não estava na lista feita por ele. Serafim França responde a ela, no jornal *A República* que “a illustre escriptora pediu-nos informações, é verdade, mas nem seria possível que o ligeiro rascunho que fizemos fosse uma summula completa do “Paraná Mental”, quando o seu pedido foi simplesmente de alguns apontamentos” (S, 1908).

Já o crítico “B” se tratava de Euclides Bandeira, conforme revela Carlos Alberto Teixeira Coelho em seu livro *A Crítica Paranaense ao “Paraná Mental”* de 1908 (Silva, 2024). Sem o uso do pseudônimo, Euclides Bandeira expressa a dupla condição desta escritora entre seus confrades:

Sempre tivemos d. Marianna Coelho em alta consideração, não só por ser uma senhora como por se dedicar às letras, isto é duplamente merecedora do nosso acatamento. Todas as vezes que se nos apresentou ensejo de referências à illustre escriptora, demos provas de boa vontade e apreço, jamais empregando uma phrase menos gentil e elogiosa. [...] Se não pudemos enfileirar apenas louvores, a culpa não foi nossa e sim do livro, imperfeito, falho, anarchisado, em que pese a vaidade da esforçada autora. Quando se anunciou o próximo aparecimento do Paraná Mental nós, confiantes nas luzes e competência da autora, escorvamos as melhores girandolas de adjectivos apotheosadores para o receber; mas, diante do monstrengo recolhemo-nos decepcionados (Bandeira, 1908).

O irmão de Mariana Coelho, Carlos Alberto Teixeira Coelho, um dos responsáveis por tê-la aproximada ao mundo das letras, serviu de apoio a ela ao escrever um pequeno opúsculo, publicado no final de 1908, impresso em Curitiba, pela Tipografia Econômica, intitulado *A Crítica Paranaense ao “Paraná Mental”*. Assim como Mariana Coelho, ele fala que a crítica deveria ser imparcial. Para Teixeira Coelho, a crítica literária paranaense só conhecia dois extremos: “o elogio em barda, ou o silêncio do – recebemos, gratos pela oferta” (Coelho, C.A.T., 1908, p. 6). Um dos argumentos utilizados por Teixeira Coelho na defesa da irmã, além da ausência de imparcialidade da crítica, aludia à exacerbação do “nativismo” dos críticos, pois os ataques desferidos tinham a ver com Mariana Coelho ser estrangeira, uma audaciosa portuguesa a classificar os representantes da cultura paranaense. Teixeira Coelho, para defender sua irmã, conjectura que “se fosse uma paranaense a autora do livro: o que por lá não iria! Que badalar

de sinos e espoucar de foguetes não teria havido lá no conventículo!” (Coelho, C.A.T., 1908, p. 10). Eis um pouco da atmosfera do livro *O Paraná Mental* e do efeito social desta classificação. No item seguinte, avançaremos em relação ao sentido simbólico desta obra que inventaria a “produção douda” do Paraná.

#### ARTISTA ASPIRANTE OU EM CONSTRUÇÃO, ARTISTA COMPLETO OU DE NOME FEITO

Se no primeiro item este texto abordou alguns aspectos da trajetória de Mariana Coelho, além de certos elementos relativos à obra *O Paraná Mental* e sua recepção no meio cultural curitibano, aqui se privilegia uma discussão dos efeitos simbólicos deste livro que apresentou um inventário de centenas de personagens que estariam envolvidos com a produção de um Paraná mental ou de um Paraná intelectual.

A obra *O Paraná Mental*, escrita por esta portuguesa que vivia em Curitiba desde 1892, segue alguns critérios para montar sua lista de “gente das letras”, que gerou concórdia e alguma discórdia. A principal motivação da desavença, como vimos no item anterior, foi em relação a nomes ausentes e à presença do irmão da organizadora da obra. Em defesa do ausente, a crítica apela ao peso, ao valor simbólico da produção do preterido; em uma tentativa de expurgo de um inconveniente da lista, ataca-se a própria escritora: um irmão à sua lista, como pode? Mas o que haveria nesta discórdia para além do que era dito? Esperamos expor um pouco disso neste último tópico do artigo.

É possível montar um catálogo sem incluir ou excluir pessoas? Fazer este inventário é produzir uma classificação intelectual. Mariana Coelho opera uma classificação. Mais adiante, trataremos um pouco sobre esta complexa questão, pois uma classificação como a feita por esta escritora opera-se a partir de um conjunto de critérios mais ou menos “objetivos”, tomados conscientemente ou não por ela. Antes disso, seu empreendimento se dá no interior de um mundo já classificado, isto é, em um universo social que já definiu certos limites e a partir deles designa quem é e quem não é “gente das letras”, ou ainda, define uma hierarquia entre aqueles que são “gente das letras”. Espera-se, igualmente, avançar um pouco em relação a isso nas páginas seguintes, para ilustrar tanto as classificações já existentes quanto as categorizações empregadas pela autora.

Uma tarefa difícil, complexa, pois realizar um inquérito desta natureza implica em escolhas, ou incorporar a classificação social já existente, isto é, os

critérios tácitos mais ou menos aceitos entre os próprios integrantes de “gentes das letras”, seja para reconhecimento e autorreconhecimento desta “elite douta”, seja para excluir aqueles que não detinham distinção intelectual, ou ainda, para estabelecer uma hierarquia entre os mais e os menos “ilustres”. E foi isso que realizou Mariana Coelho, sabendo dos riscos deste propósito: “A precipitação com que este livro foi coordenado não me deu margem para desenvolver detida e devidamente, como tanto desejava, a apreciação, a que todos têm direito, do seu merecimento na literatura e nas artes” (Coelho, 2002, p. 23).

O próprio Rocha Pombo, em seu proêmio, manifesta preocupação com a circulação e apropriação desta obra de Mariana Coelho. Primeiro, ao assinalar o contexto desta produção: “Decerto que não era possível, atentas as circunstâncias em que aparece este livro, dar uma análise mais completa e uma informação mais precisa de todos os intelectuais do Paraná” (Pombo, 2002, p. 15). Depois, para enaltecer a sua potência frente às circunstâncias: “Mas mesmo assim como está, preparado rapidamente e quase sem plano, é uma lição que nos deixa, pelo menos, inteirados da tendência notável daquele povo para as coisas do espírito”. E mais: “É uma cópia exata da abundância e espontaneidade com que temos por ali a nossa visão dirigida para um vasto horizonte de larga vida moderna”. E segue: “E com segurança pode julgar-se, pelo que nos dá a autora, da originalidade, do que tem de incisivo, no seu modo de ser, na sua natureza moral, na sua índole e na sua capacidade de cultura, o povo paranaense” (Pombo, 2002, p. 15). Um homem de longa experiência, já pressentia um estado de concórdia e de discórdia em torno desta obra: “Digam o que quiserem deste vasto elenco que nos fornece, ligeiro e mais que conciso, a autora de *O PARANÁ MENTAL*: ali, na terra abençoada há latente um belo instinto, um pressentimento de grandezas que hão de vir” (Pombo, 2002, p. 15, grifo do autor).

Embora sob encomenda imediata do grupo político paranaense, esta obra não conduz ao apagamento dos interesses ou da participação da “elite douta”, pois boa parte dela integrava os quadros dirigentes e dominantes do Paraná<sup>7</sup>. De modo estrito, havia grande interesse entre os “sábios”, a “gente das letras”, na composição de um quadro do Paraná intelectual para figurar nas próprias cercanias, mas, sobretudo, para fazer circular ao centro do Brasil e para além das fronteiras nacionais. Aqui está contida a cruzada empreendida pela “elite douta”, controlada por uma parcela de letrados que estabeleceram um conjunto de meios culturais desde a segunda metade do século XIX (Bega, 2013; Berberi, 1998; Denipoti, 2018; Maia, 2006).

Logo, para além das intencionalidades do mundo da política, a confraria dos meios culturais espera desta obra o conagração de si mesma.

Após a exposição de mais alguns aspectos externos ao empreendimento catalográfico de Mariana Coelho, chega-se ao momento de explorar parte dos meandros de sua obra. Esta escritora tem o propósito de arrolar, mensurar, classificar, descrever, diferenciar os membros desta “elite douta” do Paraná. O primeiro critério é identificar pessoas que integrariam o mundo das letras, utilizando-se da existência de algum tipo de materialidade, isto é, de obras ou alguma coisa afim que são produzidas e veiculadas por meio de suportes materiais. O enquadramento se dá a partir da “produção douta”, para nos reportarmos ao historiador argentino Jorge Myers (2016, p. 25): “[...] um universo de produção que não se limita ao campo da escrita, nem das disciplinas acadêmicas, mas que também abarca todas aquelas formas de expressão humana que utilizam linguagens que não costumam ser evocadas pelo termo ‘escrita’”. Ele avança em sua exposição, trazendo exemplos que são fecundos para interpretarmos o desiderato de Mariana Coelho: “Desde as artes plásticas, incluindo a arquitetura, até a música culta e popular, passando pelas matemáticas e suas aplicações; mesmo as artes cênicas e cinematográficas apareceriam abarcadas por essa formulação” (Myers, 2016, p. 25). Ainda um pouco mais: “O termo ‘douto’ refere-se à necessidade de uma linguagem elaborada, complexa, que remeta a uma tradição, mas não só a uma linguagem expressa por signos alfabéticos ou caracteres pictográficos” (Myers, 2016, p. 25). Aqui se vê uma boa medida do critério básico e fundamental para se incluir ou excluir possíveis candidatos ao panteão paranaense.

A divisão privilegia três grandes domínios: 1) literatura (poeta, prosadores e jornalistas); 2) teatro (comediógrafos e dramaturgos); 3) belas artes (musicistas e pintores<sup>8</sup>). Eis o enquadramento utilizado por Mariana Coelho. Aqui está a moldura da “elite douta”, aquela que simbolizaria o Paraná intelectual. Deste contingente, o maior número dos inventariados integra a primeira plêiade, pois são 102, dentre este total uma mulher; no segundo grupo, são descritos aproximadamente cinquenta nomes, sendo que alguns já estavam na primeira lista, aparecendo algumas mulheres neste grupo; no último, são arrolados perto de cinquenta musicistas e nomes de figuras de artes plásticas, sendo aproximadamente mais de uma dezena de mulheres. Merece destaque que o Paraná intelectual se constitui, em grande parte, de “gente da escrita”, isto é, aqueles que se enquadrariam na produção literária. Ali estão aqueles que



produziram ensaios literários, filosóficos, históricos, sociológicos, mesmo sem receber tais designações; enfim, constam os representantes daquelas áreas que, nas décadas subsequentes do século XX, ganharam autonomia em relação ao grande quadro dos “escritos literários” (filosofia, história, sociologia, geografia). No início da década de 1910, embora já existisse algum tipo de diferenciação entre ensaio literário e outros tipos de ensaios, prevalecia a noção de “produção douda” ligada ao campo da escrita. Os “ilustres”, que integraram o inventário de Mariana Coelho, produziam em várias frentes de escrita, como, por exemplo, Rocha Pombo, que investia em textos literários no sentido estrito, mas se notabilizara pela produção historiográfica.

Na armadura da literatura todos são escritores, muito embora Mariana Coelho estabeleça no subtítulo uma divisão tripartite: poetas, prosadores e jornalistas. No processo de registro dos nomes e descrição, esta divisão se amplia, como se observa a seguir: “Rocha Pombo, consciencioso historiador e ilustrado jornalista e romancista”; “Nestor Victor, crítico, romancista e poeta” (Coelho, 2002, p. 32); “Romário Martins, contista, jornalista e historiador” (Coelho, 2002, p. 53). O trabalho intelectual ainda não gozava da complexa divisão que se desenvolve após a constituição do ensino superior no Brasil, notadamente com a implantação dos cursos de ciências humanas (Campos, 2008).

Para além do grupo mais numeroso do quadro da literatura, a lista traz o que a autora nomeia de comediógrafos e dramaturgos. Ela informa que “na Arte Teatral são muitas as vocações. Como impossível me seria enumerá-las todas, referir-me-ei às que mais têm salientado, quer como artistas, quer como amadores” (Coelho, 2002, p. 83). O que merece ser destacado é a diversidade da “produção douda”, ampliando o repertório dos “ilustres”, pois o texto de arte teatral tem o fim de ser representado, não publicado; ou se publicado, com o fim de ser representado. Estes aspectos são relativos ao que Roger Chartier (2018) chama da página ao palco e do palco à página. Conforme este autor, “[...] o teatro não é escrito para que um leitor o leia numa edição de saída dos prelos, ele é feito para ser encenado. É *a priori* ilegítimo separar o texto teatral daquilo que lhe dá vida: a voz dos atores e a audição dos espectadores” (Chartier, 1999, p. 26-27).

Abre-se este catálogo do Paraná intelectual tanto a dramaturgos, isto é, aqueles responsáveis por textos de teatro de gêneros diversos, quanto a comediógrafos, isto é, os responsáveis por textos de comédias. Nesse quadro, parece que Mariana



Coelho inclui tanto escritores quanto atores e atrizes, ampliando ainda mais a extensão da “produção douta” e de “gente das letras”: “Julio D’Oliveira Ribas Franco, magnífica figura de palco” (Coelho, 2002, p. 83); “Caetano Alberto Munhoz, autor de várias composições dramáticas” (Coelho, 2002, p. 84). Por fim, amplia-se ainda mais o conceito de “produção douta”, pois se apresenta um inventário de musicistas e artistas de artes plásticas, cuja materialidade pode ser uma partitura musical, ou sua própria execução, assim como as criações de pintores, desenhistas, caricaturistas, arquitetos, escultores. Neste quadro de classificação, a autora apresenta os nomes, notadamente daqueles ligados a artes plásticas no mesmo capítulo que trata da Escola de Belas Artes e Indústrias do Paraná. Os musicistas ocupam um curto capítulo (terceira parte).

Muitas questões podem ser abordadas a partir desta classificação feita por Mariana Coelho. Uma delas é exposta pela própria autora, quando arrola os eleitos à corporação de belas artes. Para além de indicar os nomes de mulheres, ela aproveita para produzir uma intervenção pública, em defesa da “[...] questão da emancipação da mulher” (Coelho, 2002, p. 93). Antes disso, diz ela: “Devo, por consequência, frisar, que, tanto na arte dramática como na musical e pintura, se salientam muitas e bem pronunciadas vocações femininas, o que muito enobrece este florescente Estado” (Coelho, 2002, p. 92). Em tom prospectivo, assinala: “Parece que o belo sexo paranaense se vai já compenetrando do elevado papel que a mulher pode e deve representar na sociedade” (Coelho, 2002, p. 92). Depois disso, em cinco páginas apresenta um diagnóstico da condição da mulher na sociedade, além de fazer uma crítica contundente aos indivíduos classificados a uma segunda classe do estágio das civilizações cultas. À segunda classe, ela assim se dirige: “[...] esta última está ainda longe de compreender o que possa e deva ser uma completa educação da mulher” (Coelho, 2002, p. 93). E segue: “Esta segunda classe, repito, não admite que a mulher tenha o direito de ocupar na sociedade um lugar superior ao que lhe proporcionava a educação d’outrora” (Coelho, 2002, p. 93). Um pouco adiante, reporta-se aos membros da primeira classe: “O elemento mais provável e sólido, com que a propaganda feminista deve contar, é sem dúvida, a primeira classe, a fina flor da sociedade – esse precioso conjunto de espíritos alimentados pela mais requintada civilização” (Coelho, 2002, p. 94).

Esta autora, que listou os “ilustres” do Paraná intelectual, incorporou diversos aspectos das classificações sociais existentes, isto é, das divisões sociais tomadas como “naturais” ou “reais”. No entanto, em razão de sua relação com as questões

feministas, ela enxerga nesta divisão social do trabalho mental um arbitrário cultural (imposição simbólica ou violência simbólica), para nos remetermos a Pierre Bourdieu (2009). Ela faz mais que um inventário dos “ilustres”, pois além de enaltecer o número um pouco maior de mulheres nas belas artes em relação à literatura, desembainha sua “espada” para desnaturalizar a dominação masculina, para mais uma vez nos reportarmos a Bourdieu (2009). É possível dizer que fez concessões às demandas dos “mosqueteiros” da cultura paranaense ao aceitar incluir ou excluir determinados nomes, mas ao perceber parca representatividade das mulheres no panteão do Paraná intelectual, foi implacável ao dizer que isso nada tem de natural ou de próprio do papel feminino. Ao contrário, tem a ver com uma “[...] educação d’outrora, que primava por sopitar-lhe, autoritariamente, a inteligência e o talento, tornando-a ‘um animal doméstico’ legalmente adquirida pelo homem” (Coelho, 2002, p. 93). Mariana Coelho identifica a divisão social do trabalho, restando às mulheres predominantemente atividades da esfera doméstica. No entanto, esta escritora opera uma análise sócio-histórica ao mencionar os fatores explicativos da diminuta presença feminina entre a “produção douda” do Paraná<sup>9</sup>.

O último aspecto abordado aqui, alusivo ao catálogo produzido por Mariana Coelho, diz respeito à sua tentativa de produzir uma *crítica estética*, estabelecendo uma certa classificação entre os “ilustres”. Observa-se isto em toda a escrita do livro, de modo prático ao agrupar os “ilustres” por velha geração e nova geração, mas principalmente ao emitir alguma valoração de caráter estético. De alguns se reservou a uma descrição com certa objetividade: “Alfredo Coelho (falecido), poeta” (Coelho, 2002, p. 49). De outros, uma avaliação mais detida e elogiosa: “Dr. Emiliano Pernetta, cintilante conferencista, poeta simbolista, distintíssimo artista de verso” (Coelho, 2002, p. 34). Além disso, enaltece a mudanças de certos escritores, para criticar o simbolismo: “Silveira Netto, apreciado conferencista, poeta e prosador. Apraz-me, porém, hoje, felicitá-lo por ter abandonado esse insípido sistema literário, o Nefelibatismo<sup>10</sup>, no qual o aludido poeta se sobressaiu brilhantemente, mas que, felizmente, pôs termo, ao menos, por ali...” (Coelho, 2002, p. 34-35). Já para outros, ela reserva críticas incisivas, como ilustra o caso de Julio Pernetta, um dos nomes do simbolismo paranaense: “O seu ‘modo de dizer’ tão singular, quer seja em trabalhos nefelibatas, quer não, tortura quem o lê com alma” (Coelho, 2002, p. 41).

A crítica estética mais detida é exposta na última parte, a que trata da Escola de Belas Artes e Indústrias do Paraná: “Em 1898 realizou Mariano Lima uma

grande exposição, cujo encerramento esperei para fazer um estudo consciencioso a respeito” (Coelho, 2002, p. 101). Neste escrutínio, ela afirma que acompanhou as opiniões emitidas pelos visitantes desta exposição, cuja percepção revela uma diversidade de gosto entre os consumidores, destacando uma certa ambiguidade: “[...] mostra quantos erros há na forma de apreciação que leva o leigo, na maior parte das vezes, a ver inferioridade no que é superior, e superioridade no que é inferior” (Coelho, 2002, p. 102). Além desse preâmbulo, a autora informa que houve aproximadamente 1.600 visitantes em 31 dias de exposição, ocorrida no mês de dezembro de 1898, além de mais de 250 trabalhos expostos (quase trezentos, na verdade). Deste total, ela menciona a divisão em seções: 153 trabalhos de pintura (entre pintura a óleo e em aquarela); 90 trabalhos de desenho; 30 de escultura; e 21 trabalhos de arquitetura.

Se no início Mariana Coelho parece se distinguir de opiniões leigas, na sequência se posiciona como uma “leiga”, como se se dirigisse aos especialistas em artes plásticas: “Sob a pura impressão de leigo bem-intencionado, quase me limito a enumerar a quantidade de trabalhos de cada seção” (Coelho, 2002, p. 103). Se não reivindica uma posição de especialista tampouco se reduz a uma crítica sem alguma baliza, sem algum critério. Tudo isso manifesta um mal-estar latente desta escritora, incumbida de realizar esta tarefa de recenseamento do Paraná intelectual.

Exposto isto, ela assinala que as condições da exposição se mostravam aquém: “[...] as acanhadíssimas condições e falta de luz apropriada em ambos os edifícios ocupados pelas exposições” (Coelho, 2002, p. 103). Depois, ingressa nos meandros do conjunto dos trabalhos expostos. De início, o tom elogioso: “Na minha pouca autorizada opinião, dois terços dos trabalhos expostos podiam apresentar-se nas melhores exposições, pois eram dignos de ser assinados por mestres”. Em seguida, um tom de ponderação: “o outro terço podia ser classificado como trabalhos de estudantes que estão em meio da carreira acadêmica” (Coelho, 2002, p. 104). Do acervo merecedor de ser assinado pelos mestres, ela reserva três considerações: primeira, “[...] se nota vigor e verdade nos contornos e no claro-escuro que obedece a escrupuloso estudo e apresenta pontos verdadeiramente suaves”; segunda, “[...] a perspectiva parece bem fiel ou muito aproximada, e o gosto e agrupamento são por vezes de completa atração pela observância e penetração com que são desenvolvidos”; terceira, em muitos deles “[...] a luz imaginada de pontos difíceis, como por janelas ao fundo, por clareiras entre árvores, em

vertical ou quase horizontal, ou mais ou menos oblíqua”; em alguns deles, “[...] luz matutina, diurna, vespertina ou noturna, em suma, estudo variado de horas, tempo ou atmosfera, é bem regularmente estudada” (Coelho, 2002, p. 104).

Das considerações gerais, passa às observações específicas. Inicia pela pintura a óleo:

[...] em que o colorido raras vezes destoa em sua afinação, há muitos cambiantes agradáveis cujas cores, fundidas nas passagens dos tons principais para as meias tintas, que são muito variadas, são feitas a largas pinceladas e a transparência dos fundos propriamente ditos e locais de cada plano de vários estudos, bem revela que os seus autores têm sabido compreender as lições dos mestres e demonstrar quanta arte encerra o coração brasileiro, tão categoricamente manifestado pela adorável mocidade paranaense (Coelho, 2002, p. 105).

No que concerne à pintura em aquarela, a autora se mostra menos otimista, pois diz que “[...] é um gênero difícil e ingrato”, além de ter “a infelicidade de não ser executada em papel apropriado” (Coelho, 2002, p. 105). Isso seria para lamentar, sublinha Mariana Coelho, pois “muitas que ali se achavam em papel poroso e de pouca gama, produziam o efeito que tal especialidade deve produzir demonstrando a liberdade e conhecimento com que eram manipuladas pelo hábil pincel de seus autores” (Coelho, 2002, p. 105).

Para finalizar a avaliação das seções de exposição, ela faz rápidos comentários em relação à escultura, à arquitetura e ao desenho. Da primeira, diz: “a seção de escultura era ainda mais prejudicada, pois estava colocada num estreito corredor, sem posição, sem luz, sem ponto de vista, mal se podendo observar os trabalhos, de dois lados apenas”. Disso, ela avança para dizer que “[...] é indispensável que a estatuaria esteja colocada ao centro de vastas galerias – de forma a poder ser analisadas de todos os lados” (Coelho, 2002, p. 105). Apesar disso, ela não deixa de registrar um elogio: “transparecia, pois, na arrojada formação dos trabalhos ali expostos, uma certa coragem altamente lisonjeira” (Coelho, 2002, p. 105). Da segunda, afirma: “na arquitetura, a parte que menos compreensível se me torna, o que mais apreciei foi a variedade de projetos de edificação exterior, alguns dos quais me atraíram por se afastarem do vulgar”. Sem desejar transparecer apenas uma avaliação desmedida, logo assinala: “a opinião que pude colher de entendidos neste assunto de artes, era-lhes muita favorável” (Coelho, 2002, p. 105). Do

terceiro, limita-se a reafirmar: “quanto ao desenho propriamente dito, que, como é sabido, é parte básica tanto da arte quanto da indústria da manufatura, nada tenho a acrescentar ao que indiretamente já disse” (Coelho, 2002, p. 105).

O nosso interesse pelo efeito simbólico nos remete ao início da obra *O Paraná Mental*, onde a autora assinala uma classificação entre os “ilustres” da cultura paranaense. De um lado, inclui artista completo, artista de nome feito, artista “já feito”, todas designações da autora. Esses distintos são assim qualificados: “em todos os domínios da Arte, fulguram as mais luminosas centelhas do gênio” (Coelho, 2002, p. 28). A estes a autora reserva nobres designações: “esmerilhando e saboreando os variados encantos que a natureza oferece prodigamente à contemplação e ao estudo, o artista ‘já feito’ sente um certo alívio que o compensa e consola, quando dos últimos retoques lhe surge a beleza sonhada das suas mais irrepreensíveis produções” (Coelho, 2002, p. 28).

Ao lado destes a autora destaca o que designa de artista-aspirante ou de artista “em construção”. Desse, ela diz: “há uma categoria menos saliente, mais obscura que deve prender a nossa atenção e merecer o nosso apreço analítico: é a dos artistas aspirantes, que põem em relevo o seu fino temperamento na luta ascensional à perfeição da execução” (Coelho, 2002, p. 28). Esta dupla dimensão exposta no início da obra se observa no decorrer da confecção de seu catálogo de criadores da “produção douda” do Paraná, notadamente ao tratar da Escola de Belas Artes e Indústria do Paraná. Em entonação de síntese, diz: “admiro, por consequência, não só os artistas de nome feito, mas igualmente os que lutam por atingir a realização de suas aspirações respectivas” (Coelho, 2002, p. 29).

Tão logo tenha acentuado a camada dos artistas de nome feito e dos artistas aspirantes, sua tinta ganha cor mais contundente para tratar do que designa de pedantes. Sua descrição indica que haveria pedantes em todas as camadas, seja entre os artistas de nome feito, seja entre os artistas aspirantes. Todavia, aqueles que mais são objeto de aversão desta “crítica” seriam os “ilustres” que circulam pelos meios culturais e sociais de prestígio, ostentando seu poder sob a chancela de capital de notoriedade do tipo temporal e não de capitais estéticos. Guardadas as devidas proporções, é possível nos reportarmos às tipologias “notáveis” e “estetas” utilizadas por Gisèle Sapiro para discutir os escritores e a política na França entre o final do século XIX e os anos 1960. Mesmo sem utilizar estes termos, é possível enxergar seus sentidos nas descrições realizadas por Mariana

Coelho, pois classifica artistas que detinham um certo capital do tipo “estético”, isto é, reconhecia neles elementos internos de suas obras, notadamente quando os artistas “já feitos” são aproximados da representação típica dos “estetas”, que “ao bom ‘gosto burguês’, opõem um *ethos* esteta que eles generalizam para todas as áreas da vida” (Sapiro, 2025, p. 92). Porém, entre os já estabelecidos ou “no polo dominante do mundo cultural” (Sapiro, 2025) figurariam igualmente os “notáveis”, ou seja, “os detentores de um capital de notoriedade do tipo temporal<sup>11</sup>” (Sapiro, 2025, p. 91).

No caso específico dos “intelectuais da produção douda” do Paraná, os dois críticos (Euclides Bandeira e Serafim França) de Mariana Coelho eram integrantes de meios do tipo temporal; inclusive foram fundadores do Centro de Letras do Paraná um pouco mais tarde (1912). Esta autora descreve o que chamamos de “notáveis”: “se é janota o moço, o meu herói há de ser forçosamente de *salão*, todo empertigado na casaca e luva, deixando por onde passa um rasto importuno de essências caras e prodigalizando a todos a qualificação de estúpidos” (Coelho, 2002, p. 30, grifo nosso). Utilizando-se de antonomásia, parece substituir o nome de Euclides Bandeira pela alusão ao seu bigode em forma de espiral: “quem o enfrentar depara ordinariamente com um bigode que tenta a custo traçar em espiral, mas que apenas consegue descrever imperfeitamente dois pontos de interrogação” (Coelho, 2002, p. 30). Estas figuras do tipo “notáveis” buscam converter uma série de trunfos sociais em capital simbólico. Um deles são as viagens: “se o pedante é viajado, quer sair da vulgaridade”; outro deles é a familiaridade com línguas estrangeiras: “outros há que sustentam, e ostentam, pretensões a virtuosos, políglotas, conquistadores” (Coelho, 2002, p. 31). Disso conclui a autora: nuns prevalece “falsa orientação intelectual”; noutros, “para os mais graduados, [uma] pretendida e oca erudição” (Coelho, 2002, p. 31).

Na sua crítica aos pedantes não são designados nomes de escritores, muito embora se possa perceber alguma alusão indireta como indicamos no parágrafo anterior. Mariana Coelho não poupa adjetivação depreciativa aos pedantes: “classe de indivíduos acentuadamente ridículos, que vive, por toda a parte, à sombra do mundo civilizado, compõe-se, na maioria, de verdadeiras nulidades que invadem a sociedade moderna” (Coelho, 2002, p. 29). Todavia, ao tratar da crítica específica ela é mais comedida, como se percebe ao mencionar Euclides Bandeira. De um lado, assinala a existência da “[...] aridez própria de todas as obras mais ou menos saturadas de nefelibatismo”, isto é, “aridez que se espalha pelas respectivas



produções deixando cruelmente vazia a nossa alma ávida da verdadeira poesia e transforma as expressões sentimentais como que em expressões irônicas” (Coelho, 2002, p. 66). De outro, apesar disso, diz que “[...] os predicados essenciais às produções poéticas não faltam em *Velhas páginas* [livro de poesias]” (Coelho, 2002, p. 66). E mais, “dos fortes ressaibos nefelibatas que o analista experimenta quase em todo o livro [*O sapo*] nada direi, porque a minha muita incompetência e pouca simpatia para julgar esse sistema *art nouveau* remetem-me ao silêncio” (Coelho, 2002, p. 67). Do próprio autor, ela inicia com esta descrição: “ativo e hábil jornalista e poeta” (Coelho, 2002, p. 66). Não se depreende desta sentença nem um elogio, nem uma crítica a Euclides Bandeira. Em princípio, ser ativo e hábil expressaria uma virtude. Ele não é designado pelo termo simbolista, mas nefelibata. Ele é reconhecido por suas habilidades, sem deixar de registrar que alguns versos apresentam “alguma leve imperfeição de acentuação e de metro”, embora “não lhes faltem os indispensáveis predicados, elevação de pensamento, sentimento e poesia” (Coelho, 2002, p. 66). Em outra situação, ao tratar de Silveira Netto, ela sublinha o rompimento dele com o “insípido sistema literário, o nefelibatismo”, conforme citado na primeira parte deste artigo (Coelho, 2002, p. 35).

A crítica de Mariana Coelho aos simbolistas precisa ser objeto de outros estudos mais aprofundados, pois ela direciona sua fúria a alguns destes integrantes, tecendo considerações elogiosas aos seus dois protetores (Rocha Pombo e Dario Vellozo) que também se imiscuíam neste movimento literário. Para além do peso da amizade que explica os elogios e as críticas presentes em *O Paraná Mental*, parece pertinente novas pesquisas que retratem as particularidades dos integrantes simbolistas do Paraná, seguindo o que Maria Tarcisa Bega (2013, p. 164-169) apresenta no item “Simbolistas paranaenses: primeiras aproximações”, em que aparece uma divisão de gerações destes escritores. É apenas um exemplo para sublinhar a necessidade de aprofundamento da dimensão estética subscrita em *O Paraná Mental*.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

*O Paraná Mental*, um empreendimento levado à termo por Mariana Coelho, revelou nas primeiras páginas um misto de sentimentos. Um desiderato que se anunciava marcado pelo compromisso da autora com o Paraná, pois dizia-se tomada pelo desejo de provar sua grande dedicação a esta terra, ao decidir trazer à luz este livro para sublinhar a “arte paranaense” e coligir uma cartografia



dos “ilustres” do mundo cultural. Uma profissão de fé, de compromisso com confrades e confreiras que integravam o espaço da cultura das terras do Paraná, mas também um compromisso com o universo intelectual. Simultaneamente, anunciava a ambivalência desta empreitada, uma vez que deveria ser concluída com alguma celeridade, dificultando uma apreciação detida, “a que todos têm direito, do seu merecimento na literatura e nas artes”. Um certo mal-estar parecia invadir o *ser* desta escritora, pois ao incorporar seu compromisso de recensar os “ilustres” do Paraná mental é tomada pelo senso da responsabilidade de nomear e classificar “coisas” e “gentes”, ou mesmo por deixar de designar. Pelo que se vê, ela sentiu tudo isso a ponto de suplicar “todo indulto firmada na respectiva involuntariedade”, caso “algum nome de mérito nas letras ou nas artes ficar na penumbra do olvido” (Coelho, 2002, p. 24). Todavia, esta ambivalência não arrefeceu seu sentimento de responsabilidade de escritora, visto que se arrogou o dever ou o direito de transformar “a pena num afiado bisturi” a fim de anatomizar os atos exteriores de “gentes das letras” (Coelho, 2002, p. 30).

Ela não se deixou levar pelo temor deste projeto, nem foi tomada pela presunção. Nem atemorizada, nem soberba, mas uma escritora que num universo dominado pelo sexo masculino foi alçada e elevou-se aos meios culturais da capital paranaense, utilizando-se tanto de sua rede de socialização quanto de seus capitais culturais e simbólicos para afirmar-se e reafirmar-se neste mundo de “doutos”. Ser autorizada a catalogar os “ilustres” pressupunha um reconhecimento entre seus pares. Estes condicionantes estão conectados à sua inserção aos círculos culturais, mas também ao domínio dos bens simbólicos por parte desta escritora. Havia afinidades entre confrades e confreiras, pois integravam este seletivo universo cultural curitibano, um meio de conagração e apadrinhamento, contudo, sem inexistir conflitos de diversas ordens.

Um universo de muita concórdia, mas também de discórdia. Esperava-se desta obra e desta autora uma apoteose dos “ilustres” criadores e divulgadores da produção “douta” desta terra. Em certa medida, foi o que se viu: uma profusão de nomes, uma hierarquização entre eles, muitos elogios numa época em que se sobressaíam os “[...] salões, mantidos por figuras ilustres e (ou) ricas, que ganha[va] em número de frequentadores e perde[ia] em densidade literária” (Bega, 2013, p. 140). Neste aspecto, observou-se o limite desta obra que almejou recensar a produção “douta” do Paraná. Limite quer dizer a fronteira em que *O Paraná Mental* foi escrito, pois a autora integrava os círculos dominantes do

mundo cultural da capital, situação que permitiu a ela realizar esta tarefa, mas igualmente definiu o espaço de possíveis.

Não obstante os limites do recenseamento, *O Paraná Mental* apresentou-se propriamente como uma produção “douta”, extrapolando a situação de puro conagraçamento de membros dos cenáculos curitibanos. Ao lado do cumprimento do desejo de dedicação ao que chamou de “belo e hospitaleiro estado”, assim como ao dever de salientar a “arte paranaense” e coligir uma cartografia dos “ilustres” do mundo cultural, Mariana Coelho converteu sua pena num afiado bisturi ao desenvolver tanto uma crítica social quanto uma crítica estética.

De uma parte, ao ver em sua própria lista de “ilustres” a diminuta presença das mulheres, apresentou uma análise sócio-histórica, enfatizando que a “dominação masculina” ou o “arbitrário cultural” subjaz a divisão sexual dos papéis sociais, além de explicitamente proclamar a necessidade de “emancipação da mulher”. Para além disso, em seu inventário estão presentes nomes designados por ela de “amadores”, “distintos amadores”, “bons amadores”, ou também de “poeta popular” e “muitas e bem pronunciadas vocações femininas tanto na arte dramática como na musical e de pintura”<sup>12</sup>. Percebe-se que sua cartografia contemplou muito mais “gente das letras” do que aqueles que integravam as fileiras dos “notáveis”, isto é, aqueles que ostentavam seu poder sob a chancela de capital de notoriedade do tipo temporal. De outra parte, conectada a anterior, fez uma crítica estética, seja ao operar uma classificação entre antiga e nova gerações, seja ao apresentar elementos estéticos ao fazer considerações específicas acerca da produção dos “ilustres” ou sobre a exposição realizada pela Escola de Belas Artes e Indústrias do Paraná. Em um contexto de parca divisão social do trabalho especializado, esta autora ousou desenvolver uma crítica estética, divisando em letras, artes cênicas, artes plásticas, além de música. Trata-se, portanto, de uma obra que merece outras pesquisas, notadamente para aprofundar estas duas facetas indicadas neste último parágrafo.

## REFERÊNCIAS

B. O Paraná Mental. *A República*, Curitiba, ed. 224, 1908.

BANDEIRA, E. O Paraná Mental. *Diário da Tarde*, Curitiba, anno 11, n. 2903, 1908.

BARROS JUNIOR, Fernando Monteiro de. A poesia brasileira do fim do século XIX e da Belle Époque: Parnasianismo, Decadentismo e Simbolismo. *Revista*

SOLETRAS, São Gonçalo, v. 19, n. 17, jan./jun. 2009. DOI: <https://doi.org/10.12957/soletras.2009.6069>

BEGA, Maria Tarcisa Silva. *Letras e política no Paraná: simbolistas e anticlericais na República Velha*. Curitiba: Editora UFPR, 2013.

BERBERI, Elizabete. *Impressões: a modernidade através das crônicas no início do século em Curitiba*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kuher. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

BOURDIEU, Pierre. *Sociologia geral. Lutas de classificação. Curso no Collège de France (1981-1982)*. Tradução de Fábio Ribeiro. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020. v. 1.

BUENO, Alexandra Padilha. *Educação e participação política: a visão de formação feminina de Mariana Coelho (1893-1940)*. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

CAMARGO, Geraldo Leão Veiga de. *Paranismo: arte, ideologia e relações sociais no Paraná. 1853-1953*. 2007. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

CAMPOS, Nívio de. *Intelectuais paranaenses e as concepções de universidade (1892-1950)*. Curitiba: UFPR, 2008. DOI: <https://doi.org/10.5216/ia.v32i2.3061>

CHARTIER, Roger. *A Aventura do livro: do leitor ao navegador*. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Unesp, 1999.

CHARTIER, Roger. A esfera pública e a opinião pública. In: CHARTIER, Roger. *Origens culturais da Revolução Francesa*. Tradução de George Schlesinger. São Paulo: Unesp, 2009. p. 49-72.

CHARTIER, Roger. *Do palco à página: publicar teatro e ler romances na época moderna, séculos XVI-XVIII*. Tradução de Bruno Feitler. São Carlos: Edusfcar, 2018.

COELHO, Carlos Alberto Teixeira. *A Crítica paranaense ao Paraná Mental*. Curitiba: Typographia da Livraria Economica Annibal Rocha & C., 1908.

COELHO, M. Crítica á crítica IV. *A República*, Curitiba, anno 23, n. 212, 1908a.

COELHO, M. Crítica á crítica I. *A República*, Curitiba, anno 23, n. 209, 1908b.

COELHO, Mariana. *O Paraná mental*. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, [1908] 2002.

CURADO, Manuel. O último nefelibata: os heterónimos de João da Rocha. *Cadernos Vianenses*, Viana do Castelo, t. 55, p. 33-59, 2021.

DENIPOTI, Cláudio C. *A sedução da leitura: livros, leitores e história cultural (Paraná 1880- 1930)*. Porto Alegre: Editora Fi, 2018.

FERREIRA, Cristina Araripe. *Difusão do conhecimento científico e tecnológico no Brasil na Segunda metade do século XIX: a circulação do Progresso nas Exposições Universais e Internacionais*. 2011. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2011.

GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Tradução de Álvaro Faleiros. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.

MAIA, Paulo Cezar. *Castelos de vento: miragens literárias em Dario Vellozo e Emiliano Pernetá*. 2006. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

MUZART, Zahidé L. Resgates e ressonâncias: uma Beauvoir tupiniquim. In: BRANDÃO, Izabel; MUZART, Zahidé L. (org.). *Refazendo nós: ensaios sobre mulher e literatura*. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003. p. 137-145.

MYERS, Jorge. Músicas distantes. Algumas notas sobre a história intelectual hoje: horizontes velhos e novos, perspectivas que se abrem. In: SÁ, Maria Elisa Noronha de (org.). *História intelectual latino-americana: itinerários, debates e perspectivas*. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2016. p. 23-56.

O PARANÁ Mental III. *Diario da Tarde*, Curitiba, anno 11, ed. 2891, 1908.

PEREIRA, Luis Fernando Lopes. *Paranismo: Cultura e imaginário no Paraná da I República*. 1996. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996.

POMBO, José Francisco da Rocha. Proêmio. In: COELHO, Mariana. *O Paraná mental*. 2. ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002. p. 9-16

RIBEIRO, Leonardo Soares Madeira Lorio. *Mariana Coelho: a educadora feminista*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2015.

S. Paraná Mental. *A República*, Curitiba, ed. 214, 1908.

SALTURI, Luis Afonso. *Frederico Lange de Morretes, liberdade dentro de limites: trajetória do artista-cientista*. 2007. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

SAPIRO, Gisèle. *Os escritores e a política na França: do Caso Dreyfus à Guerra da Argélia*. Tradução de Névio de Campos. Ponta Grossa, PR: UEPG, 2024.

SAPIRO, Gisèle. *Os intelectuais: autonomização, profissionalização, internacionalização*. Tradução de Névio de Campos, et al. São Paulo: Edusp, 2025.

SILVA, Aldo. O Paraná Mental. *Diário da Tarde*, Curitiba, anno 11, n. 2907, 1908.

SILVA, Débora do Rocio Pacheco da. *O Paraná Mental e uma mulher polivalente: trajetória e obra de Mariana Coelho no cenário intelectual paranaense (1857-1954)*. 2024. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2024.

SILVESTRIN, Mônia Luciana. *Do bom uso da palavra: o intelectual na obra de Mariana Coelho*. 2000. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal do Paraná - UFPR, Curitiba, 2000.

SOUZA, Marco Aurélio de. Pode a história literária do Paraná ser dividida em pedaços? In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA - ABRALIC, 15, 2016, Rio de Janeiro. *Anais eletrônicos...* Rio de Janeiro: ABRALIC, 2016. p. 327- 338.

TOMÉ, Dyeinne Cristina. *Mariana Coelho e a educação das mulheres: uma escritora feminista no campo intelectual (1893-1940)*. 2020. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2020.

TOMÉ, Dyeinne Cristina; CAMPOS, Névio de. Mariana Coelho e sua gênese feminista: do domínio do alfabeto e da escrita ao ofício da leitura. *Revista Brasileira de História da Educação*, Maringá, v. 22, p. 1-25, 2022.

TOMÉ, Dyeinne Cristina; CAMPOS, Névio de. Mariana Coelho: o uso do prefácio como estratégia de legitimação de sua trajetória. *História da Educação*, Porto Alegre, v. 27, p. 1-32, 2023.

TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. *Clotildes ou Marias: mulheres de Curitiba na Primeira República*. Curitiba: Fundação Cultural, 1996.

WOELLNER, Adélia Maria. A voz da mulher na literatura. *Revista de Literatura, História e Memória*, Cascavel, v. 3, n. 3, p. 09-34, 2007.

## NOTAS

<sup>1</sup> Pós-doutor em Sociologia dos Intelectuais (França). Pós-doutor em História. Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Paraná (2006). Professor Associado na Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG. <https://orcid.org/0000-0003-1850-316X>. E-mail: [ncampos@uepg.br](mailto:ncampos@uepg.br)

<sup>2</sup> Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestre em História, Universidade Estadual de Ponta Grossa (2024). <https://orcid.org/0009-0003-0810-5536>. E-mail: [deborapacheco1997@hotmail.com](mailto:deborapacheco1997@hotmail.com)

<sup>3</sup> Republicado em 2002 pela Imprensa Oficial do Paraná, na coleção Brasil Diferente. Esta publicação de 2002 é utilizada como fonte deste artigo.

<sup>4</sup> Contrariando as expectativas sociais da época, Mariana Coelho não seguiu o esperado para a maioria das mulheres, ou seja, não casou-se e não teve filhos.

<sup>5</sup> A primeira edição do livro foi publicada em 1908, pela Tipografia da Livraria Econômica, de Annibal Rocha & C., em Curitiba. Possui 143 páginas, sem ilustrações. A capa também não possui ilustração, é em tom ocre amarelado, o título escrito centralizado, com letras avermelhadas, com o ano de publicação logo abaixo, ao redor do título há uma espécie de moldura em *Art Nouveau*. A Biblioteca Pública do Paraná possuiu alguns exemplares em seu acervo disponíveis para consulta. A segunda edição (2002) é feita e organizada pela Coleção Brasil Diferente, sob responsabilidade da Imprensa Oficial do Paraná. Esta edição possui ilustração na capa. A ilustração é uma fotografia em preto e branco, mostra um grupo de pessoas, predominantemente homens, exceto pela figura de uma mulher ao centro, destacando-se sobre os demais, remetendo à inserção de Mariana Coelho no cenário intelectual paranaense do período. Há também o desenho de outros elementos, como um bobo da corte segurando um bastão e a ilustração de um homem que sugestivamente parece estar escrevendo ou desenhando. Essa edição possui 110 páginas.

<sup>6</sup> Insere-se, neste aspecto, no que se conhece como ideário do Paranismo, isto é, sentimento geral e difuso relacionado à identidade regional, que ganha ampla visibilidade no início do século XX, antecedendo ao Movimento Paranista que se estabelece no fim da década de 1920 (Pereira, 1996; Salturi, 2007). “O Paranismo é resultado do ambiente formado desde as últimas décadas do século XIX para a edificação de uma identidade no Paraná” (Camargo, 2007, p. 14).

<sup>7</sup> Inexistia uma definição mais ou menos estabelecida de especificidade do mundo da cultura ou do mundo intelectual da capital do Paraná. Todavia, não se pode afirmar que este universo estava subsumido aos ditames do universo da política, da economia ou da religião. Nos termos de Bourdieu, é possível dizer que estavam em curso os três elementos fundamentais para a existência das gentes do Paraná mental, a saber, divisão do trabalho intelectual (escritores, poetas, historiadores, críticos literários, críticos de artes, etc.), instâncias de consagração específicas (centros culturais, de artes, de letras, instituições universitárias, etc.), mercados de bens simbólicos (expansão da escolarização, ampliação do número de leitores, comercialização do livro, etc.). Mais informações sobre a questão da autonomização do campo literário, ver Gisèle Sapiro (2024, p. 26-27).

<sup>8</sup> Embora no capítulo 3 apareçam estas designações, no último capítulo ela apresenta várias outras: caricaturista, desenhista, arquiteto, escultor.

<sup>9</sup> É preciso aprofundar a crítica social desta obra, pois Mariana Coelho apresenta personagens que circulavam por outros espaços de sociabilidade da capital paranaense, como figuras da “cultura popular”: “Bento Cego, poeta popular, sem cultura, mas feliz improvisador” (Coelho, 2002, p. 60).

<sup>10</sup> Tendência representada pelo decadentismo e simbolismo, atravessada “pela aversão gnóstica ao mundo” (Curado, 2021, p. 42), cujo “opúsculo que dá nome ao grupo dos Nefelibatas, de 1892, tem como título uma palavra criada por Rabelais, com o significado de caminhantes nas nuvens” (Curado, 2021, p. 35); ver também Barros Junior (2009).

<sup>11</sup> Trata-se de gente das letras que é reconhecida por integrar espaços do mundo social, como salões, grupos ou centros culturais (Centro de Letras do Paraná, por exemplo). Os “notáveis” se consagram por elementos externos às suas obras (reconhecimento mundano), isto é, por suas relações sociais com grupos dominantes do mundo da política ou da economia; e não pela obra em si (pela composição específica do conteúdo e do modo de composição da obra).

<sup>12</sup> Esta questão ganha um capítulo específico (“A mulher nas ciências, nas artes e nas letras”) no livro *A evolução do feminismo* (1933)